

DESBRAVANDO HORIZONTES: A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE CAMPO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Maria das Graças Batista de Almeida.
Professora supervisora de História da E. E. E. F. e M Professor Raúl Córdula

Faz-se necessário no processo educativo, de uma leitura mais dinâmica e diferenciada do mundo vivido e percebido. Nesse contexto, a aula de campo na disciplina história é essencial, pois através dela é possível identificar de fato o que é estudado em sala de aula, possibilitando dessa maneira para a percepção do aluno, às diversas interações do homem e o seu meio. Neste sentido a leitura de mundo transcende a leitura de paisagens como fotografias estáticas, uma paisagem em que o aluno se percebe enquanto sujeito atuante e passível de reescrever seu mundo. Este trabalho discute as contribuições das aulas de campo desenvolvidas com alunos do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raúl Córdula em parceria com o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – História, da Universidade Estadual de Campina Grande, como ferramenta pedagógica, contribuindo dessa maneira para o processo de ensino aprendizagem da disciplina história.

Palavras-chaves: Aulas; campo; História; PIBID; ensino-aprendizagem

Introdução

A aula de campo é o maior potencial de transformação social, contribuindo para que os alunos sejam agentes transformadores da sociedade na qual estão inseridos. Precisamos percorrer o caminho entre a escola que temos e a que queremos. Cada aluno tem sua luz própria, a nossa função como profissional de História, é fazer com que essa luz brilhe. Se formos capazes de formar pessoas autônomas, cidadãos solidários e profissionais competentes estamos no caminho certo. Escolhi a aula de campo como foco de ação porque identifiquei aí um dos grandes, senão o maior potencial de transformação social. Sei que esse caminho é difícil e desafiador, mas tenho a certeza de que é o bom caminho.

Melhorar a educação é um processo complexo, que vai demandar tempo e esforço. Mas de que forma pode ser melhorada a educação? O que a gente sabe que funciona não é nada complicado: é o “feijão com arroz” da educação. Ter um diretor com liderança, bem escolhido que atende a seus professores e mantém o clima emocional da escola e a disciplina e que seja aberto para aceitar o trabalho do PIBID dentro da escola.

Os estudos do meio foram introduzidos no Brasil nas chamadas escolas livres, criadas pelo movimento anarquista; desde então, os trabalhos de campo, como atividades de estudo do meio, se perpetuam nas escolas. Durante o movimento da Escola Nova e Escola Tecnicista essa prática foi sendo alterada e adequada aos objetivos educacionais de cada época, contudo permaneceram como práticas pedagógicas, embora muitas vezes isoladas, que ainda hoje são realizadas por professores (PONTUSCHKA, 1994).

O PIBID contribui bastante para minha formação profissional, já que me proporciona conhecer novas metodologias procurando impedir que a História seja somente História, onde os alunos bolsistas investem produzindo slides, vídeos, jogos, cordel, bateria de exercícios. Com questionamentos que venham enriquecer mais ainda o aprendizado dos alunos, visando construir com os mesmos um processo de ensino-aprendizagem voltado aos seus interesses e cabe ao professor, formar uma visão crítica do mundo e promover transformação, selecionando temas referentes ao trabalho desenvolvido em sala de aula, suscitando questionamentos dos temas e buscar soluções coletivas.

A História é feita por todos nós e está imersa em lutas sociais, econômicas, políticas e culturais, e isso não pode ser deixado à margem da sociedade e os jovens das escolas públicas juntamente com os alunos bolsistas do PIBID tornam-se cidadãos participativos,

críticos e solidários, através de uma aula de campo bem desenvolvida.

Todo educador tem em mãos o poder de melhorar o aprendizado dos alunos e o ambiente escolar. Abrir fronteiras, não se acomodar e buscar novas soluções são exemplos de atitudes que podem transformar a realidade. Não é uma tarefa fácil fazer da luta individual um objetivo coletivo. É preciso, ainda, incentivar a participação de todos envolvidos, conversando com um e com outro e tecendo uma rede de pessoas dispostas a trabalhar por um ensino melhor. A vontade de transformar nos ajudou (A mim e aos alunos bolsistas PIBID) a relembrar o que nos move, a razão que um dia fez com que cada um de nós escolhesse a profissão de educador.

Definição de Aula de Campo

Uma aula de campo diz respeito à culminância do que foi visto, estudado e questionado em sala de aula, ou seja, a práxis propriamente dita. O professor deve desenvolver juntamente com os alunos projetos de interesses dos mesmos com temas transversais ajudando a conscientizar a todos sobre a importância de se aprender história além da sala de aula, apoiando seus alunos a serem sujeitos ativos na organização do trabalho pedagógico. Um professor bem formado e ciente de sua função social procura incentivar seus alunos a construir uma sociedade mais justa e solidária, desafiando o cotidiano.

Para Compiani e Carneiro (1993) o campo é “cenário de geração, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as idéias ocorre com toda a intensidade” (1993, p.11). Neste sentido o trabalho de campo pode possibilitar ao aluno a construção de um conhecimento próximo de seu cotidiano, da realidade que o envolve; é também no campo que o aluno poderá questionar informações e conceitos vistos em sala de aula e não compreendidos até então.

O processo de ensino-aprendizagem se dá quando o professor procura entender os tempos de cada um de seus alunos é aí que entra nossa alteridade, vê o outro como se fôssemos nós, deve conhecê-los e buscá-los sempre, para que nenhum se perca durante o percurso escolar. O professor precisa motivar seu aluno, despertar nele a criação e a inovação, estimular a auto-estima e a confiança, essenciais para se realizarem sonhos.

Um docente acomodado nos seus estudos iniciais, já não cabe na dinâmica do conhecimento dos tempos atuais. A educação contemporânea pede um professor que não tema em fazer uso das tecnologias e nem buscar o apoio de seus alunos, que já estão familiarizados com o universo digital.

O papel de um bom professor é o de abrir fronteiras, desafiar o cotidiano, não se acomodar e procurar sempre por novas soluções. Essas atitudes me encantam e me transformam, ao longo dos meus 35 anos em que leciono e vivo experiências na sala de aula que renovam a cada dia, minha convicção na importância do meu papel de professora de História como agente de transformação.

A metodologia usada por nós em sala de aula é seguir uma seqüência didática, auxiliada pelos alunos bolsistas do PIBID: Um texto informativo, Slides, vídeos, bateria de exercícios (com questões do ENEM, UEPB), paródias, músicas, danças, jogos digitais, filmes, pinturas, cordel, e peças teatrais e História em migalhas.

Aulas de campo com o PIBID: Educar o olhar e saber ouvir

Foi de fundamental importância tanto pedagógica, como afetiva na relação Escola Raúl Córdula – UEPB (PIBID), pois serviu como meio de aproximação de ambas as Instituições, fazendo da aprendizagem almejada um fato conquistado.

Foram realizadas quatro aulas de campo bastante proveitosas: Areia, no brejo paraibano (04/09/2012); Olinda, Recife e Instituto Brennand (26/10/2012); As Itacoatiaras, em Ingá, cidade "européia", Rio Tinto e as tribos potiguaras na Baía da Traição (14/05/2013); e mais uma vez Olinda, Recife e o Instituto Brennand (08/10/2013).

Todas elas foram muito dinâmicas e proveitosas, já que os alunos puderam construir seu conhecimento histórico, voltado para a vida, para os problemas contemporâneos, e a importância de se preservar nossos patrimônios históricos, possibilitando explicar as bases materiais sobre as quais se assenta a nossa civilização, reconhecendo os rumos para onde elas estão nos conduzindo.

Para Compiani (1991), o campo é também um excelente “ambiente de ensino”, que pode auxiliar na aprendizagem dos alunos, visto que proporciona o contato direto com os

objetos e os fenômenos concretos que estão sendo estudados. O contato direto com o meio é uma das características que tornam as atividades de campo essenciais, permitindo que o aluno perceba os fenômenos em sua interação e a natureza não fragmentada, mas reconhecer as relações que existem que se concretizam. Conforme Fantinel (2000, p. 11):

“no ensino, o papel das atividades de campo está atrelado à proposta pedagógica da disciplina na qual as atividades se inserem e à concepção do professor acerca do que é ensinar, do que é aprender e de seu entendimento de como se processa o conhecimento”.

O professor de História deve sempre lembrar o que a sociedade insiste em esquecer. Não basta ao professor focar só o passado, mas os fazerem refletir no presente. Logo, a memória é o platô da História. Portanto, ele deve desempenhar na sociedade um papel peculiar de impedir que a História seja somente história, comprovando sua indissociabilidade com a memória, ou seja, com o passado.

O estudo problematizado da história é um ponto de partida adequado quando se deseja reconstituí-la para melhor compreender a realidade a partir do presente. Afinal toda história é contemporânea, por ser revisitada por historiadores e para leitores do nosso tempo. Justifica-se a importância de se estudar a história que desvelamos quem fomos, somos e seremos no espaço e no tempo de maneira crítica, rompendo com a visão maniqueísta (crença de que a realidade humana centra na relação entre o bem e o mal) e evitando cometer anacronismos (Interpretação dos fatos históricos de acordo com os valores da nossa época, desconsiderando o contexto histórico).

Diante do desafio proposto, cabe ao professor a difícil tarefa de definir a utilidade da história. Podemos apontar premissas básicas e norteadoras inerentes a esse ensino. O exemplo disso foi nossa aula nas Itacoatiras, em Ingá, município paraibano.

As Itaquatiras na língua tupi significam pedras pintadas, formando uma das tradições mais enigmáticas de toda a arte rupestre do Brasil. Quase sempre estas pedras são encontradas próximas aos cursos de água que se enchem nas estações chuvosas formando grandes caldeirões. Segundo Martin (1997), a Itaquatiara de Ingá na Paraíba é a mais famosa gravura rupestre no Brasil.

Para Fonseca (2008) A Pedra do Ingá é, sem dúvida, um dos mais expressivos registros rupestres do Brasil perdido nas caatingas paraibanas e o maior testemunho

silencioso de que em passado longínquo o solo brasileiro teria sido palco de uma cultura avançada que registrou ali parte de seu conhecimento perdido. Desta forma, podemos tomá-la como prova de que já tivemos uma escrita pré-histórica no Brasil, face à expressividade e à coerência de seus signos, aplicados magistralmente lado a lado, apesar de aparentarem, em princípio, certa descontinuidade e desordem.

A primeira, situar o aluno enquanto sujeito histórico, agente transformador e crítico da sua realidade para o pleno exercício da cidadania. A segunda é ensinar para aprender, e aprender para conhecer, fazer, ser e conviver. E por fim, apaixonar-se pela história, contagiando todos em sua volta. Ensinar história para além do ensino de história é, sobretudo, voltar-se para temas como loucura, cidadania, sexualidade, alimentação, moda, direitos humanos, meio ambiente, corpo, cotidiano, enfermidades, gênero, personalidades, biografia e outros, como propõe Foucault.

Ensinar história no século 21 é solapar os eixos tradicionais da história linear francesa (antiga, média, moderna e contemporânea), por uma história temática, interdisciplinar, problematizadora, atenta às transformações sociais do novo século e essa história é desenvolvida junto com os bolsistas PIBID.

Nessa seara em que tudo é história, passado, presente e futuro confundem-se. Somos e fazemos a história. Entendê-la é compreender a si e ao mundo, com a consciência do que fomos para transformar o que seremos. Dito isso, voltemos ao ponto em que começamos: afinal, para que serve a aula de campo, em história? Para saber quem éramos, conhecer quem somos e projetar quem seremos.

Resultados obtidos:

A práxis foi atingida, e os alunos do Raul Córdula juntamente com os alunos bolsistas do PIBID, tornaram-se verdadeiros agentes da história, elaborando entrevistas, investindo em pinturas da época, produzindo cordel e vídeos e outros documentos decorrentes das aulas de campo.

Ressalte-se que a palavra documento ao abarcar uma gama tão variada da produção cultural humana suscita, pelo menos, duas interpretações: os materiais produzidos com a intenção didática ou com objetivo de “comunicar conteúdos ou informações sobre determinadas disciplinas”; outro tipo é constituído pelos “fragmentos ou indícios de situações já vividas” (SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p.90).

Pudemos dinamizar e constatar que o uso do livro didático ou o discurso do professor constituem a maneira mais habitual de se ensinar História. Entretanto, podem ser utilizadas as atividades de campo tanto para auxiliar o processo ensino-aprendizagem, como para o reconhecimento da realidade que envolve o aluno na compreensão e também na crítica das relações que se estabelecem nesse espaço.

Considerações Finais:

O PIBID contribui bastante para a minha formação profissional, pois me proporciona novas metodologias procurando impedir que a "História seja somente história". O Brasil vive hoje o desafio de formar alunos críticos e conectados a novas tecnologias e capazes de selecionar conhecimentos. É por isso que o professor nunca pode parar de estudar e de aprender coisas novas, recomenda-se, portanto, que o professor seja um constante pesquisador, um ser reflexivo sobre as suas práticas pedagógicas e sobre as respostas dos alunos. Tudo isso aprendi com o PIBID através de nossos alunos bolsistas. Professor que aprende a estudar ensina a estudar, e quem estuda com quem não estuda jamais aprenderá a estudar

O professor bem preparado vai saber articular cinco saberes essenciais para a prática em sala de aula, são eles: saber disciplinar; saber didático; saber das ciências do homem; saber pesquisar e saber fazer. Esses saberes auxiliam o educador a ministrar aulas que proporcionem aos alunos bolsistas do PIBID, um crescimento no campo do conhecimento científico e tecnológico, buscando prepará-los para a vida profissional.

Precisamos empregar essas novas tecnologias na nossa prática profissional afim de transformar velhas práticas em metodologias condizentes com essa nova realidade já que estamos vivendo hoje, uma época de grandes transformações, muitas delas consequência da

revolução tecnológica e o professor tem que trabalhar com esse mar de informações, dialogando e interagindo onde as tecnologias devem funcionar como estímulo permanente à criação e a produção.

Quero mais uma vez aqui, agradecer ao PIBID, boa parte do meu crescimento profissional, pois aprendi muito com os alunos bolsistas. O professor tem que ser visto como produtor de culturas e conhecimentos, precisa ser fortalecido (Tanto o professor como também os alunos bolsistas devem produzir o material educacional), já que seu papel do novo professor é está sempre atualizado com o que há de mais moderno; saber utilizar tecnologia para melhorar o aprendizado; admitir não ter todas as respostas; ser parceiro do aluno e aprender com ele e continuar mantendo a autoridade sem ser autoritário.

Referencias bibliográficas

COMPIANI, M. & CARNEIRO, C. D. R. 1993. **Os papéis didáticos das excursões geológicas.** Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, n.1-2, p.90-98.

FANTINEL, L. M. **Práticas de campo em fundamentos de geologia introdutória: papel das atividades de campo no ensino de fundamentos de geologia no curso de geografia.** Campinas: Inst. Geociências UNICAMP. 2000. (Dissert. mestrado em Educação Aplic. Geociências). J.A. FONSECA. A pedra do Ingá. Disponível em http://www.viafanzine.jor.br/fonseca_inga.htm. Acesso 25 de setembro de 2013.

MARTIN, G. Pré - **História do Nordeste do Brasil.** Recife: ed. Universitária da UFPE, 2ª edição atualizada. 1997.450p.

SCHMIT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** Editora Scipione, 2004.

PONTUSCHKA, N. N. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares.** São Paulo, 1994. 280 p. Tese (Doutorado em Educação), USP
SCOTERGAGNA, A. **Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória: cursos de Geografia no Estado do Paraná.** Campinas, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, UNICAMP